

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA RECEPÇÃO DE KIERKEGAARD EM PORTUGAL

Elisabete M. de Sousa

(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Ao longo do séc. XX, a recepção de Søren Kierkegaard em Portugal encontra-se marcada por uma investigação caracterizada pela iniciativa individual de quatro sucessivas gerações de tradutores e de filósofos, cujo labor é meritório, embora não tivesse verdadeiramente conduzido a um trabalho de continuidade, em especial a partir da segunda metade do século. A geração seguinte, na generalidade, não prosseguiu a tarefa iniciada pela anterior, nem introduziu mudanças metodológicas significativas; pelo contrário, no que diz respeito à tradução de obras repetiu em grande medida o que a geração precedente realizara e só na transição para o séc. XXI se assistirá a uma mudança no paradigma da investigação kierkegaardiana, como a devido tempo assinalaremos. Observe-se então de perto o conjunto de traduções e de artigos que constituem a contribuição de Portugal para a divulgação do pensamento de Kierkegaard entre os falantes da língua portuguesa.

A primeira tradução de Søren Kierkegaard em português – *O Diário do seductor (a arte de amar)* – foi publicada em 1911 com a chancela da Livraria Clássica, uma editora de prestígio da capital no princípio do século. Como texto fonte, o tradutor Mário de Alemquer recorreu a uma tradução italiana¹ e, na sua breve introdução, apresentou Kierkegaard como um escritor romântico dinamarquês que utilizara a escrita como meio de superação de uma vida amorosa mal sucedida, o que não deixa de constituir informação escassa e redutora, embora consensual na época, dada a importância já então reconhecida ao pensamento ético-religioso do filósofo, especialmente na Alemanha onde em 1909 se iniciara a publicação da pri-

¹ *O diário do seductor: a arte de amar*, tradução de Mário Alemquer, Lisboa: Livraria Clássica 1911. Texto fonte: *Il diario del seduttore*, tradução de Luigi Redaelli, Torino: Fratelli Bocca Editori 1910.

meira edição das obras completas de Søren Kierkegaard em língua alemã. É porém muito possível que a primeira tradução portuguesa tenha sido usada como fonte para uma versão em castelhano da mesma obra, dada a semelhança de títulos e a frequência desta prática de tradução².

Vinte e cinco anos mais tarde, Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) traduziu *Sygdommen til Døden*, obra publicada em 1936 na Livraria Tavares Martins do Porto com o título *O desespero humano: doença até à morte*. Embora tenha utilizado como fonte a tradução francesa de Knud Ferlov e de Jean J. Gateau, com a consequente perda de rigor na fixação dos conceitos, esta edição surgiu num contexto científico mais favorável, do ponto de vista editorial em comparação com *O Diário do seductor (a arte de amar)*. O filósofo Leonardo Coimbra (1883-1935) dirigia a colecção «Filosofia e Religião» em que foi publicado *O desespero humano*, e é o próprio Casais Monteiro a informar o leitor de que, não fosse a morte abrupta de Coimbra, o prefácio haveria de ter sido da sua autoria e não de quem ora o subscreve. Seria então para esse efeito que se encontraram duas traduções de *O Conceito de Angústia* na biblioteca de Leonardo Coimbra; todavia, o desaparecimento prematuro de Coimbra não permite uma análise concludente sobre a profundidade do contacto com a obra de Kierkegaard, visto não ter deixado qualquer escrito em que explicitamente refira ou comente o filósofo dinamarquês. A corroborar esta ideia, há a salientar o facto de o próprio Casais Monteiro afirmar, no prefácio a *O Desespero Humano*, que Kierkegaard é praticamente desconhecido em Portugal, um testemunho importante que aponta para a nossa convicção de que apenas se poderá colocar a hipótese de que estaria nas intenções de Leonardo Coimbra alargar os seus conhecimentos sobre a obra do filósofo dinamarquês. Acresce que também não é no criacionismo, a teoria filosófica de Coimbra, que se encontram afinidades com Kierkegaard, pois o criacionismo embora se posicione em confronto com a filosofia hegeliana e com o positivismo e defenda a liberdade do pensamento humano, e o seu objectivo final seja o de atingir uma harmonia cosmológica para o indivíduo dentro de uma comunidade solidária, o criacionismo parte todavia de uma base científica para construir um sistema que se pretende explicativo da realidade psicológica e física do homem, da matéria, da religião, da filosofia e da arte. Não obstante, é digno de nota o facto de muitos dos futuros tradutores, e em particular alguns dos que na década de cinquenta do século XX mais escreveriam sobre Kierkegaard, terem sido discípulos de Leonardo Coimbra, nomeadamente para além de

² *Diario de un seductor (arte de amar)*, versión de Valentin de Pedro, Madrid: Sucesores de Rivadeneira 1922 (mais tarde reeditado na *Colección Austral*, Madrid: Espasa Calpe SA 1953).

Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro (1905-1981), José Marinho (1904-1975) e Delfim Santos (1907-1966)³.

Casais Monteiro foi ele próprio poeta, ensaísta e crítico literário de valor e notabilizou-se pelo papel relevante em círculos literários e culturais nucleares para criação artística, literária e filosófica em Portugal na primeira metade do séc. XX, ocupando um lugar de charneira entre o movimento da *Renascença Portuguesa*, chefiado por Leonardo Coimbra, e o movimento da *Presença* sediado em Coimbra, a que se deve juntar o convívio já anterior com Fernando Pessoa (1888-1935) aquando do aparecimento do primeiro número de *Orpheu*; foi aliás membro da direcção dos respectivos jornais e periódicos – *Águia* (1929) e *presença* (1931) – e ainda de *Mundo Literário* (1946). No prefácio a *O Desespero Humano*, Casais Monteiro apresenta Kierkegaard como filósofo, um autor «complexo» de uma «vasta obra», apoiando-se em bibliografia actualizada para a época, nomeadamente em Jean Wahl; sem escapar às habituais explicações de índole biográfica – a ruptura do noivado e a maldição paterna – Casais Monteiro apresenta de forma sucinta alguns pontos-chave para o entendimento de Kierkegaard, tais como as esferas da existência, o confesso carácter experimental dos seus escritos e as categorias de repetição e de salto. Embora a sua tradução de Kierkegaard contasse com várias reedições, em especial ao longo das duas décadas seguintes⁴, o papel de Casais Monteiro na recepção do filósofo dinamarquês limitou-se a esse momento, o que poderá em parte explicar-se pelo exílio no Brasil a partir de 1954, privando-o do contacto com o grupo de tradutores emergente na década de cinquenta.

Até final dos anos quarenta, o prefácio a *O desespero humano: doença até à morte* constituiu a contribuição de maior qualidade para dar a conhecer Kierkegaard e haverá apenas a destacar, entre o escasso número de artigos publicados até então⁵, a circunstância de já em 1933 haver sido publicado o primeiro ensaio de Delfim Santos em que o filósofo dinamarquês surge como uma das figuras de referência. Delfim Santos estudara Filosofia na Alemanha e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se doutorara, e foi Professor Catedrático de Ciências Pedagógicas na Universidade de Lisboa, tendo exercido um assinalável magistério de influência reconhecido por sucessivas gerações de candidatos a professores do ensino secundário de todas as áreas disciplinares, os quais obrigatoriamente cursavam Ciências Pedagógicas como complemento da sua habilitação científica para a docência. Autor de vasta bibli-

³ Veja-se António Quadros, «Existencialismo», in *Logos II*, Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia, Editorial Verbo: Lisboa e São Paulo 1990, pp. 400-403.

⁴ Duas reedições em 1947 e novamente em 1957, 1961 e 1979.

⁵ Veja-se na Bibliografia, «Aguiar» e «Carvalho, António Pinto de».

ografia em que predomina a exposição de um pensamento existencial marcado pela fenomenologia e pela influência de N. Hartmann e de M. Heidegger, Delfim Santos publicaria até ao final da sua vida outros sete artigos em que aborda o pensamento de Kierkegaard, sem que nenhum deles se apresente propriamente como de exclusiva incidência em Kierkegaard; todavia, nos momentos em que com maior ou menor ênfase menciona o pensamento do filósofo, Delfim Santos atribui-lhe um papel relevante no desenvolvimento temático de cada um desses artigos, com especial incidência em tópicos como a ironia, a subjectividade, a angústia, o desespero, a influência em Heidegger e em E. Husserl, e nos existencialistas franceses⁶.

As reedições de *O desespero humano* de 1947 e de 1951, a par das novas traduções surgidas no final dos anos cinquenta e na década seguinte, procuraram dar resposta a uma mais alargada procura do público, em grande parte devida ao interesse suscitado pelo existencialismo e pelos filósofos associados ao movimento. Em 1953 e a partir de traduções francesas, Álvaro Ribeiro traduziu *In vino veritas*, publicado com o título *O Banquete* e, seis anos mais tarde em 1959, Maria José Marinho (n.1928) traduziu *Frygt og Bæven*, com o título *Temor e Tremor*⁷; ambas as obras foram publicadas pela Guimarães Editores numa colecção de textos filosóficos ainda hoje bastante popular, e foram reeditadas praticamente até à actualidade⁸. Tanto Álvaro Ribeiro como Maria José Marinho, filha do filósofo José Marinho, e o seu marido, Alberto Ferreira (1920-2000) que assinou a introdução a *Temor e Tremor*, revelam um conhecimento da obra de Kierkegaard que ultrapassa o de Casais Monteiro. No caso da «Apresentação» de treze páginas para *O Banquete*, tais conhecimentos surgem como o desejado suporte para a exposição das sugestões do próprio Á. Ribeiro com a intenção explícita de renovar o panorama da filosofia portuguesa. Se é verdade que nessa apresentação é evidente o conhecimento das ideias expostas pelo Assessor Wilhelm na segunda parte de *Ou/Ou* e de aspectos abordados sobre o amor e o casamento em *Sobre o Conceito de Ironia*, a partir das quais conclui ser o amor um dos temas aglutinadores da obra de Kierkegaard, Á. Ribeiro não abdica todavia de

⁶ A listagem completa encontra-se na Bibliografia em «Santos». Para uma análise do seu pensamento e obra, veja-se Cristiana do Soveral Paszkiewicz, «A Filosofia em Delfim Santos: trajectória de um pensamento», in *História do Pensamento Filosófico Português*, Volume V, Tomo I, edição de Pedro Calafate, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e Editorial Caminho 2000, pp. 425-433.

⁷ Maria José Marinho utilizou a tradução de P. H. Tisseau (Paris: Aubier-Montaigne 1935) e a fonte mais provável de Álvaro Ribeiro terá sido a tradução de André Babelon e C. Lund (Abbeville: Éditions du Cavalier 1933).

⁸ As reedições de *Temor e Tremor* datam de 1990 e de 1998 e as de *O Banquete* de 1962, 1963, 1985, 1997 e 2002.

dedicar mais espaço ao desenvolvimento das suas ideias sobre o casamento, apresentadas como sendo parte do seu contributo para uma nova ordem na filosofia portuguesa.

A «Introdução» de Alberto Ferreira para *Temor e Tremor* tem idêntica extensão, mas é sem dúvida um artigo de fundo mais ambicioso e fundamentado com maior rigor oferecendo uma visão global da produção kierkegaardiana e, em particular, do impacto e da importância para a compreensão do pensamento kierkegaardiano de *Temor e Tremor*. A. Ferreira explica e relaciona entre si as esferas da existência, o salto, a angústia, o carácter anti-sistemático e assistemático do pensamento kierkegaardiano, o lugar do paradoxo e o papel do indivíduo; para esclarecimento do conteúdo de *Temor e Tremor*, evoca e cita um número considerável de obras, nomeadamente, *Post-scriptum conclusivo não-científico*, *Ponto de Vista sobre a minha Obra como Autor*, *O Instante* e *O Conceito de Angústia*, apoiando-se em nomes maiores da recepção francesa da época⁹.

Uma significativa parte dos artigos publicados durante a década de cinquenta é da autoria de filósofos oriundas da Companhia de Jesus e agregados ao Instituto Filosófico de Braga, que daria lugar à Faculdade de Filosofia em 1967, e surgem em parte como resposta a um emergente existencialismo sem lugar para qualquer Deus e ainda menos para a ideia de Igreja. Obedecendo ao imperativo de sublinhar o pensamento religioso de Kierkegaard e de assim o trazer para o seio do existencialismo cristão, estes artigos na sua globalidade, ao mesmo tempo que estabelecem as diferenças entre o cristianismo da Igreja católica apostólica romana e o cristianismo do filósofo dinamarquês, criticam severamente a ideia de uma igreja oficial de estado como instância máxima de uma confissão religiosa, neste caso específico, o luteranismo na Dinamarca. Júlio Fragata (1920-1985), a quem se deve em grande parte a renovação do pensamento do grupo ligado à Neo-Escolástica, considera Kierkegaard mais como um *literatus* e um pensador do que como filósofo ou teólogo, embora realize uma análise rigorosa e justa da sua obra e acabe por manifestar a influência de Kierkegaard no conjunto dos seus textos¹⁰. Por seu lado, Manuel Antunes (1918-1985), durante largos anos docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, oferece uma abordagem

⁹ Alberto Ferreira cita directa ou indirectamente J. Wahl, R. Jolivet, L. Chestov e P.-H. Tisseau.

¹⁰ Veja-se em especial a entrada «Kierkegaard» para a *Verbo Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura* e ainda para a *Logos*. Os restantes artigos encontram-se na Bibliografia em «Fragata». Para outros comentários seguindo uma orientação semelhante e contemporâneos de Fragata e de Antunes, consulte-se os artigos indicados na Bibliografia em «Gouveia», «Jardim», «Lopes», «Quadros» e «Saraiva».

mais ampla do filósofo dinamarquês, no sentido em que a vertente marcadamente religiosa de Kierkegaard surge com uma dimensão universalizante, consentânea com os próprios interesses de Manuel Antunes, possuidor de uma vastíssima cultura clássica e de um saber de raiz vincadamente humanista; tende portanto a apresentar Kierkegaard como um pensador «existencial», como alguém que coloca o homem na sua posição perante si mesmo e perante a transcendência e que assim se torna testemunha da «eterna juventude do Cristianismo»¹¹.

Ainda durante a década de cinquenta, publicou Eduardo Lourenço (n. 1923) o primeiro dos seus três ensaios sobre Kierkegaard, dois dos quais estudos comparativos entre o filósofo e o poeta Fernando Pessoa (1888-1935). Nesse primeiro ensaio, «Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indirecta», à semelhança do que aconteceria cerca de vinte e cinco anos mais tarde em «Kierkegaard e Pessoa ou as Máscaras do Absoluto», Lourenço compara os processos criativos dos dois autores, tendo em conta a especificidade dos pseudónimos e heterónimos de cada um, o meio artístico e cultural e os contextos sociais e religiosos; é este o primeiro artigo em que se analisa a fragmentação da personalidade poética, literária e filosófica de Pessoa e de Kierkegaard como uma consequência da relação agónica com outros poetas, escritores e filósofos dos respectivos contextos sociais, religiosos ou literários.

No início da década de sessenta assistiu-se a um movimento de edição e de reedição de obras de Kierkegaard idêntico ao ocorrido dez anos antes, no que diz respeito ao número de obras publicadas e ao carácter aparentemente aleatório da escolha. Na Editorial Presença foram publicados *O conceito de angústia* em 1962, traduzido por João Lopes Alves (n. 1935) e reeditado em 1972, e dois capítulos de *Ou/Ou*, de novo *O Diário de um Sedutor*, traduzido por Carlos Grifo Babo (n. 1919), e *Estética do Matrimónio*, a tradução de Margarida Schiappa do primeiro capítulo da segunda parte («A validade estética do casamento») com edições únicas respectivamente em 1971 e 1965. Apesar de desprovidas de qualquer aparato crítico e realizadas ainda a partir de traduções francesas, estas traduções garantiram a continuidade da presença de Kierkegaard no mercado editorial de língua portuguesa. O facto de os tradutores (à excepção de Carlos Grifo e de Margarida Schiappa) terem formação filosófica, o

¹¹ Veja-se em particular o artigo «Kierkegaard» que evoca o filósofo no ano do centenário da sua morte e a já mencionada entrada «Existencialismo» de António Quadros para a enciclopédia filosófica *Logos*. Para uma apresentação mais pormenorizada de Manuel Antunes, leia-se Maria Ivone de Ornellas de Andrade, «Da Filosofia da Cultura em Manuel Antunes», in *História do Pensamento Filosófico Português*, Volume V, Tomo I, pp. 281-295; e sobre Júlio Fragata, leia-se Lúcio Craveiro da Silva, «Neo-Escolástica Contemporânea», op. cit., pp. 340-341.

que aliás transparece nos textos introdutórios, permite inferir o peso de Kierkegaard no meio intelectual português na passagem para os anos sessenta e ao longo dessa década.

Atente-se pois mais de perto na cronologia das traduções e das reedições e em alguns outros dados biográficos sobre os tradutores. Álvaro Ribeiro e Maria José Marinho, com traduções de 1953 (2ª edição, 1962; 3ª edição, um ano depois) e de 1959, pertenciam ao círculo lisboeta de José Marinho, tal como Alberto Ferreira, cuja introdução a *Temor e Tremor* constitui a melhor abordagem ao conjunto da obra de Kierkegaard até então; estes dois últimos, além de formação filosófica, tinham laços familiares estreitos com José Marinho, como já mencionado, o que de certo modo os coloca como discípulos tardios da escola portuense de Leonardo Coimbra¹². Neste círculo ainda se integrou João Lopes Alves, tradutor de *O Conceito de Angústia*, que fez parte do grupo de docentes organizado em volta da Sala de Estudos André de Resende, fundada pelo casal Maria José Marinho e Alberto Ferreira, e na qual encontraram trabalho e rendimento uma significativa parte de professores impedidos de leccionar no ensino público oficial pela política repressiva do Estado Novo¹³; João Lopes Alves viria a ser um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Filosofia e é autor de uma extensa bibliografia filosófica, nomeadamente no campo das ligações entre a ética e o direito. De José Marinho conhece-se apenas um pequeno artigo de 1934 em que comenta de passagem Kierkegaard, mas sabe-se ter sido este um autor intensamente debatido por Marinho em especial na década de cinquenta; recorde-se ainda que, além de ter sido uma figura de charneira para a escola portuense e para o movimento da nova filosofia portuguesa, José Marinho conviveu com outras figuras de relevo do meio intelectual do seu tempo, tais como Vergílio Ferreira, Natália Correia, José Gomes Ferreira, António Quadros, o próprio Eduardo Lourenço e Ana Hatherly, algumas das quais merecem referência nesta panorâmica da recepção de Kierkegaard em Portugal¹⁴.

¹² Sobre este assunto, veja-se Pinharanda Gomes, *A Escola Portuense*, Porto: Caixotim Editores 2005 e Maria José Pinto Cantista, «Tendências Dominantes na Filosofia Portuguesa do Século XX: Algumas achegas acerca da Contribuição de José Marinho», in *Filosofia, Hoje – Ecos no Pensamento Português*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida 1993, pp. 242-265.

¹³ Segundo Sacuntala de Miranda, «Lembrando José Marinho» in *José Marinho, 1904-1975: “todo o pensar liberta”*, catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento, coordenação de Jorge Croce Rivera e coordenação técnica de Fátima Lopes, Lisboa: Biblioteca Nacional 2004, pp. 89-91. De acordo com Ana Hatherly, in «Recordação de José Marinho e do grupo da Filosofia Portuguesa nos anos 60», op. cit., pp. 25-32, Kierkegaard era um dos filósofos discutidos pelo círculo reunido à volta de José Marinho.

¹⁴ Veja-se Jorge Croce Rivera, «Estádios no caminho da verdade: o percurso ético-

A presença regular de títulos de Kierkegaard nas livrarias, em especial entre 1959 e 1965, foi acompanhada pelo aparecimento de artigos dispersos da autoria de diferentes personalidades ligadas à filosofia, à religião e ao existencialismo literário, embora o conteúdo da maioria desses artigos revele uma abordagem muito generalizante. Este fluxo ensaístico proveio maioritariamente de personalidades ligadas à Faculdade de Filosofia de Braga¹⁵ ou ao pensamento existencialista¹⁶, com uma perspectiva enquadrada no que seria expectável – no caso do primeiro, a garantia de que Kierkegaard é um filósofo da religião, mas não um teólogo, e por conseguinte, manifestando uma preferência pelo desenvolvimento de temas e categorias do seu pensamento potencialmente relacionáveis com a doutrina católica, tais como a fé, as esferas da existência, o sofrimento; no que diz respeito ao segundo, a ênfase recai em temas e categorias que constituem o cerne do debate no existencialismo – a angústia, o desespero, o absurdo. A honrosa exceção a este panorama encontra-se de novo em Eduardo Lourenço que publicou em 1967 um extenso ensaio de quarenta páginas intitulado «Søren Kierkegaard, o Espião de Deus», no qual analisa os aspectos acima apontados para os dois sectores como pertença de um todo, comentando-os cada um por si e na sua interdependência; em especial, Lourenço aborda Kierkegaard como um «poeta do religioso» e um discípulo de Sócrates, relaciona os modos de experimentação do pensamento em diversos estilos e as múltiplas *personae* do filósofo, explica os elos existentes entre a fé e a verdade e entre a subjectividade e o paradoxo, e acentua a importância da individualização através da análise da categoria de *den Enkelte*.

Nos anos oitenta surgiram duas novas traduções utilizando ainda edições francesas como texto fonte e desprovidas de aparato crítico: *Desespero, a doença mortal*, mais uma tradução de *Sygdommen til Døden* de Ana Keil, e *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, traduzido por João Gama, um volume que inclui igualmente *Dois pequenos tratados ético-religiosos*. Em 1988, ano do centenário do nascimento de Fernando Pessoa, Luís de Oliveira e Silva (n.1945) publicou o ensaio «Estética e Ética em Kierkegaard e Pessoa», explicando a heteronímia de Pessoa através de conceitos kierkegaardianos dentro do quadro do romantismo europeu. A fechar a recepção no séc. XX, merecem destaque duas figuras maiores da cultura portuguesa, curiosamente da mesma geração de Lourenço, pelo modo peculiar como receberam o pensamento de Kier-

-metafísico de José Marinho», in *História do Pensamento Filosófico Português*, Volume V, Tomo I, pp. 211-246.

¹⁵ Veja-se na Bibliografia «Araújo», «Rua» e «Niner».

¹⁶ Veja-se na Bibliografia «Guerra» e «Mourujão».

kegaard, a saber, os romancistas Vergílio Ferreira (1916-96) e Agustina Bessa-Luís (n. 1922).

Vergílio Ferreira é reconhecido pela dimensão filosófica dos seus numerosos romances logo manifesta no carácter reflexivo das personagens e no ponto de vista dos narradores, merecendo destaque dentro do panorama filosófico do seu tempo; da leitura dos seus diários e apontamentos, organizados em cerca de dez volumes sob o título de *Conta-corrente* e de *Espaço do Invisível*¹⁷, transparece a influência de Kierkegaard, a par de outros filósofos conotados com o movimento existencialista, cuja importância para o existencialismo português é analisada pelo próprio Vergílio Ferreira na introdução à tradução da sua autoria de *L'Existentialisme est un Humanisme* de Jean-Paul Sartre¹⁸.

Tal como Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís é autora de inúmeros romances, mas é numa peça em três actos de 1992 com o título *Estados Erótico-Imediatos de Søren Kierkegaard* que se evidencia um elevado grau de conhecimento da vida e da obra de Kierkegaard. Apresentada pela autora como um «arranjo para teatro», com o expresso intuito de dar a conhecer Kierkegaard como Don Juan, Agustina oferece uma leitura muito pessoal da obra de Kierkegaard com a preocupação de expor as ideias do próprio filósofo, em especial sobre o amor, a sedução e o casamento, através da construção de uma peça estruturada de maneira semelhante à de um poema dramático; com efeito, Søren (a personagem principal) inclui frequentemente nas suas falas longos excertos de várias obras, não só do capítulo sobre o erótico-musical e do «Diário do sedutor» como também do capítulo «A Validade Estética do Casamento» (de *Ou/Ou*, parte II), de *Tremor e Tremor* e de escritos sobre teatro, ao mesmo tempo que interage com intensidade variável, na maioria das vezes através de curtas intervenções, com uma série de personagens retiradas do contexto biográfico e/ou autoral ou nele inspiradas. O público assiste então ao desacerto, e ao conflito daí resultante, entre as ideias contidas nas falas de Søren e a voz crítica de D. João que ora contracena com a personagem principal, ora monologa interpelando o público; por seu lado, uma tia de Regina e a própria personagem com o nome de Regina Olsen encarregam-se de denunciar a natureza inconsistente e destituída de moral

¹⁷ Veja-se *Arte Tempo, Pensar, Interrogação ao destino e Escrever*.

¹⁸ José Antunes de Sousa dedica-lhe um capítulo na *História do Pensamento Filosófico Português*, Volume V, Tomo I, pp. 434-457. O mesmo J. A. de Sousa obteve o grau de doutor com uma dissertação intitulada *Vergílio Ferreira e a Filosofia da sua Obra Literária*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Católica Portuguesa 2001, enquanto Noémia Amparo L. M. Martins é autora de *Uma estética do silêncio – reflexão sobre 'invocação ao meu corpo' de Vergílio Ferreira*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2002.

do envolvimento amoroso e dos jogos de sedução de Søren, dividido entre o impulso erótico que o leva a procurar intermitentemente cinco jovens raparigas e em simultâneo (pre)ocupado em demonstrar a Regina e a Frederik Schlegel, que também é personagem desta peça, a veracidade dos argumentos comumente aceites como factores condicionantes do rompimento do noivado com Regina. Duas outras personagens, Johanne Heiberg e Paul (*sic*) Martin Møller dialogam com Søren criando uma zona intermédia de reflexão na qual transparece o carácter literário da justificação do noivado e do seu rompimento através do paralelismo criado com o relacionamento entre Søren e Johanne, mulher e actriz. Ao tornar tão ostensivamente evidentes os elos tidos como irrefutáveis entre a vida e a obra de Kierkegaard, Agustina acaba por chamar a atenção para as fragilidades de uma leitura meramente biográfica da obra kierkegaardiana, ao mesmo tempo que dá relevo ao papel da mulher na construção das ideias do autor sobre o amor e a sedução e à herança marcadamente literária dessas mesmas ideias¹⁹.

Das escassas duas teses de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas surgidas em 1962 e 1964, facto que atesta o moderado impacto de Kierkegaard nos Departamentos de Filosofia das universidades portuguesas durante grande parte do séc. XX, uma situação que pode dizer-se permaneceu inalterável até finais dos anos oitenta, chegou-se na actualidade a dez teses de mestrado em Filosofia (uma na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, três na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e seis na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e uma de doutoramento (esta em Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), concluídas entre 1998 e 2009, um número suficientemente significativo para se poder afirmar que a investigação sobre Kierkegaard avança a passo seguro. Analisemos então os recentes desenvolvimentos no estado da arte em Portugal.

Em primeiro lugar, assinala-se o aparecimento da primeira tradução para língua portuguesa feita a partir do dinamarquês e da quarta edição das obras, *Søren Kierkegaards Skrifter*: trata-se de *In Vino Veritas*, o capítulo introdutório de *Estádios no Caminho da Vida*, com tradução, notas e posfácio de José Miranda Justo, publicado pela Antígona em 2005. José Miranda Justo (n.1951) é professor no Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade de Lisboa desde 1976 e membro do Centro de Filosofia da mesma universidade desde a sua fundação, tendo obtido o grau de doutor com uma tese sobre história da filosofia da lin-

¹⁹ Em Outubro de 2008, a peça foi produzida e levada à cena no Porto (Teatro do Campo Alegre) pelo grupo Seiva Trupe e em Julho de 2009 em Lisboa (Espaço do Ginjal) pelo grupo Máquina Agradável.

guagem; possui larga experiência de tradução, nomeadamente de textos filosóficos alemães dos sécs. XVIII e XIX e o seu interesse por Kierkegaard desenvolveu-se durante o estudo da recepção de Hamann por parte do filósofo, tendo evoluído no sentido de uma reflexão estética que compreende a obra global do filósofo. Num primeiro artigo de 1998, «Espessuras do pensar: Ernesto de Sousa e o círculo de Kierkegaard», José Miranda Justo analisa o lugar de Kierkegaard como conector entre Hegel e Duchamp nos escritos de Ernesto de Sousa através de dois aspectos particulares, nomeadamente o papel diferenciado da ironia e do humor no trajeto imaginado por Kierkegaard e o significado do plano religioso e da angústia, em especial no que esse significado contribui para a ideia de repetição. No ano seguinte, o primeiro destes tópicos seria contextualizado do ponto de vista da tradição filosófica num seminário de mestrado, «Figuras da Irrisão no Discurso Filosófico», com um programa centrado sobre a procura de funcionalidades «desconstrutivas» e «construtivas» das figuras da irrisão (e de figuras discursivas aparentadas) em quatro momentos, a saber, (1) a crise do racionalismo *aufklärer* na escrita de Hamann, (2) a teorização romântica da ironia, (3) ironia, cómico e humor na crítica de Kierkegaard à racionalidade hegeliana e (4) a crítica do niilismo em Nietzsche. Dentro do ponto três, foi analisada a teorização kierkegaardiana da ironia em *Sobre o Conceito de Ironia*, as divergências para com a teorização do Romantismo de Jena e a possibilidade que se oferece para o desenho de uma cartografia da ironia entre o arco do trágico e o arco do cómico, com múltiplas possibilidades de situação; esta cartografia, por seu turno, permitiu estabelecer um padrão dinâmico a partir do qual se torna igualmente possível situar as categorias do cómico, do humor, do absurdo, etc., em subsequentes textos de Kierkegaard, particularmente em passagens seleccionadas de *Ou/Ou* e de *Estádios no Caminho da Vida*, tendo estas categorias sido estudadas no seu valor crítico face à ideia de fenomenologia de Hegel.

No posfácio à sua tradução *In vino veritas*, «Posfácio: Polinómio-Kierkegaard, apresentação de um segmento de *experimentação em pensamento*», José Miranda Justo demonstra como os discursos dos intervinientes no banquete kierkegaardiano se articulam com o tratamento de conceitos fundamentais em diferentes textos kierkegaardianos, dando exemplos de relações intertextuais deste capítulo de *Estádios no Caminho da Vida* com outras obras, tais como *Post-scriptum conclusivo não-científico*, *A Repetição* e *Ou/Ou*, e por outro lado, sublinha a diversidade que apresentam como um traço fundamental da multiplicidade da experimentação de pensamento kierkegaardiano continuamente diverso e diferenciado. Os pseudónimos e a alteridade são assim analisados como uma forma constitutiva de experimentação e de representação de um *logos* plural indissociável de uma multiplicidade do *pathos*.

José Miranda Justo debruça-se ainda sobre as ténues fronteiras entre a melancolia, a angústia e o anseio, que se manifestam desde logo não só no processo particular de alteridade e de estabelecimento de identidade, sendo a angústia descrita como consequência de continuadas experiências com uma subjectividade que impele o indivíduo para fora da sua condição finita na busca do infinito, mas também na inevitável emergência da contradição no percurso que conduz o indivíduo por entre os estádios estético, ético e religioso. O modo como o carácter do melancólico se manifesta no estádio estético é aqui apresentado a partir da delimitação dos conceitos de esquecimento e de recordação, sendo o esquecimento dentro da finitude estética aquele que permite o lançamento para a recordação e para a repetição como modos preferenciais de vivência do esquecimento perspectivado do ponto de vista ético e conducente à infinitude. Os contributos dos convidados para o banquete de *In vino veritas* são comentados nas implicações trazidas para a funcionalidade do cómico, da ironia e do humor na vivência estética de que os discursos desses oradores constituem uma amostra.

Em 2007 surge a segunda tradução de um texto kierkegaardiano a partir do original dinamarquês, *Adquirir a sua Alma na Paciência* (dos Três Discursos Edificantes, de 1843) com tradução, notas e posfácio de M. Jorge de Carvalho e de Nuno Ferro, ambos docentes do Departamento de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. Nuno Ferro (n. 1961) é professor desde 1984, pertence à unidade de investigação e desenvolvimento denominada «Linguagem, Interpretação e Filosofia» no Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na qual dirige o Seminário Permanente de Tradução de Kierkegaard no âmbito das actividades da unidade de investigação Linguagem, Interpretação e Filosofia na Universidade Nova de Lisboa; na sequência deste trabalho e de diversos cursos de mestrado leccionados sobre ética, Nuno Ferro orientou quatro das teses de mestrado sobre Kierkegaard, já concluídas, encontrando-se outras dissertações em elaboração. A título de exemplo, refira-se que no seminário de Antropologia Filosófica em 2008/2009, intitulado «Disposições fundamentais segundo Kierkegaard», Nuno Ferro percorreu os lugares de algumas disposições fundamentais em Kierkegaard, estabelecendo as diferenças entre a melancolia e a histeria do espírito, o tédio, a angústia e a possibilidade, e o nada. Propõe-se agora em 2009-2010 analisar no seminário de Questões de Ética, a noção de ético em Kierkegaard, partindo do estudo do sentido do conceito de estádio, com todas as determinações que ele implica, as propriedades do estádio em que imediatamente nos encontramos por nascimento e os fenómenos que revelam a sua falência, para em seguida, analisar a estrutura do movimento de transição para o estádio ético implicando as noções de escolha, decisão, risco, liberdade, até determinar os momentos do ético en-

quanto tal e a sua relação com o acontecimento do universal humano. Numa segunda parte do seminário, propõe-se não só analisar criticamente a primeira e em particular as noções de escolha e decisão, a partir da concepção de virtude e tradição segundo Alasdair MacIntyre, mas também oferecer uma análise de alguns sistemas morais contemporâneos, especialmente o consequencialismo.

O seu mais extenso contributo, em colaboração com M. Jorge de Carvalho, para uma aproximação a Kierkegaard encontra-se nas profusas e minuciosas notas que acompanham a tradução de *Adquirir a sua Alma na Paciência* e no posfácio e respectivas notas, que nas suas palavras «não correspondem senão à exposição de uma *forma de leitura* (de uma *possibilidade* de sentido) da existência humana». Nuno Ferro analisa no posfácio o que considera serem alguns equívocos que podem ser suscitados pela leitura daquele discurso edificante. Comenta, assim, a própria designação de discurso edificante, com relevo para a noção de «edificação» para em seguida se debruçar sobre a «paciência» que salienta estar aqui subordinada ao objectivo de aquisição de alma, um processo que neste discurso se apresenta como a descrição da possibilidade de constituição do eu. A questão formal do discurso dentro da pluralidade de géneros literários da obra de Kierkegaard é também comentada com referência ao lugar de inclusão ou de exclusão dos discursos edificantes no que se designa por comunicação directa e indirecta em Kierkegaard. Este tópico é longamente debatido para se concluir que toda a obra do autor é de comunicação indirecta apresentando contudo um grau de diferenciação no seu carácter indirecto.

Nuno Ferro comenta ainda a distinção de Kierkegaard entre discursos e sermões (e a incontornável questão da autoridade do autor) e a distinção entre «Discursos Edificantes» e «Discursos Cristãos». Na segunda parte do posfácio, embora reconheça nos discursos edificantes o valor filosófico que lhes é atribuído, Nuno Ferro reitera a sua intrínseca natureza edificante e aborda a extensão do conceito de «edificar», em especial em *Obras do Amor*, no modo como tal conceito toma a vida por objecto a construir dentro do quadro de uma «acção interior», distinguindo-se esta actividade de uma aquisição de saberes. Em 2000 publicara já Nuno Ferro um ensaio igualmente desenvolvido, «A Noção de Experiência na Obra de Kierkegaard», no qual, entre outros aspectos dos *Discursos Edificantes*, abordara a ideia recorrente de «discurso obscuro», o modo como a experiência posiciona o indivíduo na temporalidade, determinando-o em relação ao passado, ao presente e ao futuro, sem que deixe de accionar o movimento da imaginação; Nuno Ferro demonstra então como o indivíduo ganha experiência não só através da aquisição de novas experiências, mas principalmente através da recordação dessas experiências, o que lhe traz a angústia e a dúvida como consequências inevitáveis.

Em 2008 surge *Formas de Arte: A Prática de Berlioz, Kierkegaard, Liszt e Schumann*, de Elisabete M. de Sousa, membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e autora do presente artigo e de um anterior sobre a recepção de Kierkegaard em Portugal, escrito em 2006 e publicado todavia apenas no corrente ano. No seu livro, analisa a crítica musical de Kierkegaard em «Os Estádios Eróticos Imediatos ou o Erótico-musical», colocando-a a par de textos contemporâneos do filósofo da autoria desses três compositores românticos, bem como da teorização musical de Hegel, de Schopenhauer e do romantismo de Jena, com o intuito de esclarecer e alargar as implicações da análise da dramaturgia musical de *Don Giovanni* ao conceito-chave da representação musical imediata da ideia de sensualidade pristina. Algumas questões levantadas pelas transcrições, paráfrases e fantasias operáticas de Liszt, enquanto prática crítica e exercício da arte que respondem às ideias românticas sobre expressividade musical, são relacionadas com a concepção de Kierkegaard de uma obra de natureza filosófica e/ou religiosa elaborada como um trabalho poético; a análise do processo de desenvolvimento de uma ideia musical a partir de uma fonte literária é feita a partir da teoria da recordação, tal como exposta em *In vino veritas*. A instância poética e a fragmentação autoral de Robert Schumann e de Kierkegaard são explicadas em paralelo, com o objectivo de demonstrar os modos de funcionamento da pseudonímia enquanto construção poética indispensável para o estabelecimento de um ponto de vista crítico fundamental para o exercício da sua criatividade. A relação com Mozart e o estudo e apresentação das fontes utilizadas por Kierkegaard para a construção dos pseudónimos, para a delimitação do conceito do erótico-musical e da sua representação por *Don Giovanni*, ópera e personagem, bem como para as considerações sobre a abertura da ópera mozartiana, encontram tratamento aprofundado em dois artigos, com especial relevo para o papel de Franz Liszt em «Kierkegaard's Musical Recollections» de 2008, e com maior destaque para o papel de Richard Wagner em «Wolfgang Amadeus Mozart: the love for music and the music of love» de 2009. Em «Eugène Scribe: the unfortunate authorship of a successful author», também de 2009, além da relação com Scribe e da conceptualização subjacente à crítica da peça que dá o nome ao capítulo «O Primeiro Amor» em *Ou/Ou*, é analisada a estreita relação entre a condição de crítico e a condição de autor em Kierkegaard.

O último número da *Revista Portuguesa de Filosofia* saído em 2009 com o título *Horizontes Existenciários da Filosofia – Søren Kierkegaard Today* é inteiramente dedicado a Kierkegaard²⁰ e, obedecendo a uma

²⁰ *Revista Portuguesa de Filosofia, Horizontes Existenciários da Filosofia – Søren Kierkegaard Today*, João J. Vila-Chã, editor, Abril-Dezembro 2008, Volume 64, Fasc.2-4, Braga.

prática consentânea com a linha editorial desta publicação, reúne trinta artigos em diversas línguas (português, castelhano, catalão, francês, inglês e alemão) acompanhados dos necessariamente imprescindíveis resumos em inglês e português em cerca de quinhentas das setecentas páginas deste número. Escritos muitos deles por nomes maiores da investigação kierkegaardiana, esta é a mais extensa e completa amostra editada em Portugal até aos dias de hoje²¹. Para além do ensaio sobre o tédio da autoria de Nuno Ferro, encontra-se um artigo de Lídia Figueiredo, professora na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, com o título «O Abismo da Liberdade: Arendt vs. Kierkegaard e Sartre», no qual a autora se debruça essencialmente sobre os caminhos diferenciados de Arendt e de Sartre a partir da definição de existência e de liberdade de raiz kierkegaardiana, salientando a actividade do pensamento de Arendt e a acção em Sartre como vectores de continuidade do que em Kierkegaard se entende por salto para a fé. O editor de *Horizontes Existenciários da Filosofia*, João J. Vila-Chã, é professor na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa e orientou uma das teses de mestrado atrás mencionadas; na introdução ao presente volume, «Søren Kierkegaard em Nós: O Génio da Existência Pensada», Vila-Chã apresenta a vida e a obra de Kierkegaard, percorrendo numa primeira parte os tradicionais marcos biográficos que apresenta como ainda determinantes para o entendimento da obra kierkegaardiana. Distingue como temas fundamentais, a falta, o pecado, o sacrifício, o serviço da verdade, e para o seu desenvolvimento delimita três fases na produção

²¹ Os autores e respectivos títulos encontram-se aqui referenciados seguindo a ordem que ocupam na publicação: J.J.Vila-Chã, «Søren Kierkegaard em Nós: O Génio da Existência Pensada»; G. Pattison, «The importance of the year 1838»; V. Melchiorre, «Arrependimento e Recomeço»; A. Bellaiche-Zacharie, «La Conversion»; J. Colette, «L'expérience de l'impossible»; A. Clair, «L'universel et le singulier en éthique»; S. Muñoz Fonnegra, «La Ética en la formación de la Personalidad»; Edward F. Mooney, «Kierkegaardian Ethics»; J. J. Davenport, «Kierkegaard's Postscript»; J. Bloechl «Phenomenality of Desire»; B. Gregor, «Friends and Neighbors»; N. Ferro, «Kierkegaard e o Tédio»; D. González, «La Hermenéutica de la Ironía»; O. Parcerou Oubiña, «A Ironia em Søren Kierkegaard»; D.olors Perarnau Vidal, «El concepte d'angoixa»; C. Stephen Evans, «Kierkegaard and the Limits of Reason»; G. Amengual, «Experiencia, Verdad y Existencia»; D. Giordano, «Kierkegaard e il Paradosso»; I. Adinolfi, «Credenza in Pascal e Kierkegaard»; I. Basso, «Kierkegaard e Schelling»; J. E. Evans, «Miguel de Unamuno and Kierkegaard»; L. Figueiredo, «O Abismo da Liberdade»; M. Westphal, «Levinas as a Reader of Kierkegaard»; H. Deuser, «Kierkegaard and Derrida»; F. Rognon, «El-lul, lecteur de Kierkegaard»; C. Piller, «Kierkegaard and Frankfurt»; Heiko Schulz, «Zur Wirkungsgeschichte Kierkegaards»; A. Fabris, «A fé de Abraão e o diálogo inter-religioso»; Á. Valls, «O livro sobre o Conceito Angústia»; E. Rocca, «Oltre la tolleranza»; M. F. de Aquino, «Ética e Direito»; A. T. Bassols, «Wittgenstein on Language and Religion»; R. Schaeffler, «Der Beter, sein Gott und seine Welt».

kierkegaardiana, duas concomitantes entre 1843 e 1850, a primeira englobando escritos de carácter literário e filosófico e a segunda reunindo os *Discursos edificantes*, considerados como «expressão mais autêntica» do pensamento do autor, situando-se a terceira a partir de 1850, com escritos de natureza profética. De acordo com esta divisão, Vila-Chã prossegue com uma breve apresentação de cada uma das obras da primeira e da segunda fases, mas incluindo na terceira fase *Escola do Cristianismo*, embora seja de 1848 e da autoria de Anti-Climacus. Na segunda parte da sua introdução, Vila-Chã comenta a maioria das obras anteriormente mencionadas através de uma análise temática de incidência variável, destacando-se pelo maior desenvolvimento os comentários que tece sobre as obras que nomeia como *Alternativa*, *Temor e Tremor*, *Estádios sobre o Caminho da Vida e Doença até à morte*. Vila-Chã coloca a modalidade de filosofia de Kierkegaard como estando orientada para a demonstração da validade da religião, embora saliente que a vivência da religião em Kierkegaard é apresentada como um percurso de uma relação imediata e individual, uma «comunicação existencial», em que a ideia de Indivíduo toma um lugar tão iminente como o da ideia de Transcendência.

No âmbito da linha de investigação de Estética e Religião, no grupo de Filosofia da Acção e dos Valores no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, encontra-se actualmente em desenvolvimento o projecto «Tradução das Obras de Kierkegaard: 1838-1844» da responsabilidade de José Miranda Justo, e que conta com uma equipa de tradução de três elementos – o próprio responsável, Elisabete M. de Sousa e Susana Janic. É este um projecto a longo prazo de tradução sistemática da obra do autor, que pretende reequilibrar o peso que é tendencialmente atribuído às vertentes estética, ética e religiosa na arquitectura do pensamento kierkegaardiano; acabam de ser publicados *A Repetição* e *Temor e Tremor*, com tradução, notas e introdução, respectivamente a cargo de José Miranda Justo e de Elisabete M. de Sousa.

Na sua introdução de *A Repetição*, «Da diferenciação dos tempos à “seriedade da existência”». Sobre alguns vectores da ideia kierkegaardiana de repetição», José M. Justo analisa alguns aspectos da categoria kierkegaardiana de repetição a partir de nexos intertextuais com o volume de *Três Discursos Edificantes*, saído em 1843 em paralelo com *A Repetição* e *Temor e Tremor*; demonstra então como nos discursos a distinção entre tempo rápido e tempo longo e a relação assimétrica entre eles estabelecida se constituem como factores subjacentes à categoria em questão. A análise está estruturada em torno de três tópicos de incidência claramente filosófica aí presentes: o da constituição de sentido, o da oposição entre entendimento e *karitas*, e o tópico da multiplicidade e, ao longo do seu comentário, observa como o homem se constrói enquanto singular nesses discursos. Nesse percurso distingue entre o singular e o particular, e des-

taca em seguida o papel da experiência da singularidade relativamente à produção de sentido, para ainda a partir destes dois aspectos analisar como se relacionam com a ideia de liberdade em Kierkegaard. José M. Justo evidencia como a repetição se transfigura através da sua própria repetição e dessa forma transfigura igualmente o singular, que parte da experimentação da diferença entre repetição e não-repetição, e dos graus mesmo que ténues de produção de sentido numa repetição, para chegar a constituir sentido. No contexto dos discursos, a produtividade da repetição decorre então de um movimento de pensamento através do qual o singular elabora sobre as diferenças mínimas que experimenta ao longo de uma vida, que é «toda ela uma repetição».

Por seu turno, em «O salto para a eternidade», Elisabete M. de Sousa contextualiza *Temor e Tremor* no conjunto das obras publicadas entre 1843 e 1846, sublinhando como os diversos autores kierkegaardianos se instanciam de um ponto de vista que se deixa permear pelo que esses mesmos autores experimentam, por via do percurso efectuado através dos tópicos e temas de que se ocupam, um percurso em que habitam esferas de existência, as quais sendo predominantemente de natureza estética, ética e/ou religiosa, continuamente se interseccionam, dando assim lugar a espaços e a momentos de reflexão únicos para cada um desses autores. São também analisadas algumas das expressões com que Kierkegaard se auto-descreve como autor, em especial a diferença entre «autor reduplicado» e «autor em dupla reflexão», bem como o relacionamento entre estes e o «autor dos autores». A ligação entre *Temor e Tremor*, *A Repetição* e os dois primeiros discursos de *Três Discursos Edificantes* é estabelecida, nesta introdução, ao nível da complementaridade no que diz respeito à representação do amor e do auto-sacrifício, e às variantes dos sentimentos de angústia e de dúvida perante a impossibilidade de anteciper a certeza do amor (divino ou humano), um sentimento que é colocado antiteticamente à felicidade que a fé assegura a Abraão, o qual é capaz de usufruir plenamente da sua vivência da fé no plano imanente e no transcendente. Também é analisado o binómio poeta-herói, tomando a relação entre Johannes de silentio e Abraão de acordo com o contexto de *Temor e Tremor* e com a formulação de Kierkegaard nos seus diários, o qual vê a sua figura como cavaleiro da fé ser construída através da partilha de qualidades típicas do herói trágico e do herói épico, e também através da ultrapassagem desses mesmos tipos, obtida por uma acumulação de condições que acentuam o carácter de excepção da sua natureza enquanto singular. É comentada, à luz das teorias schillerianas sobre o patético, a questão da presença textual de diversos cambiantes de temor e de tremor, a par do esforço deliberado dirigido à amplificação do *pathos* nesta obra.

Espera-se que o recente fluxo de traduções se mantenha de modo a consolidar e a expandir o conhecimento do filósofo dinamarquês, que tem

suscitado nos últimos cinco anos intenso labor no domínio da tradução e no da produção ensaística, uma actividade que não só abrange diversos campos do saber e das artes, como provém de sectores diferenciados, uma simbiose de factores que atesta afinal a vitalidade da recepção de Kierkegaard em Portugal.

ABSTRACT

O artigo apresenta uma análise cronológica da recepção de Kierkegaard em Portugal. Na primeira parte, analisam-se as traduções até agora publicadas em língua portuguesa, contextualizando-as no panorama filosófico e literário em que vieram a lume; na segunda parte, comentam-se os artigos de diversos quadrantes que, sensivelmente, desde a década de quarenta do século passado foram publicados em Portugal, realçando-se ainda o papel desempenhado por alguns desses comentadores na divulgação de Kierkegaard. É dado particular relevo às mais recentes traduções realizadas a partir do original dinamarquês, bem como ao lugar ocupado na actualidade pelo filósofo, na investigação e no ensino, nas universidades portuguesas.

Bibliografia

I. Traduções por ordem de publicação

O diário do seductor: a arte de amar, tradução de Mário Alemquer, Lisboa: Livraria Clássica 1911.

O desespero humano: doença até à morte, tradução e introdução de Adolfo Casais Monteiro, Porto: Livraria Tavares Martins 1936. Duas reedições em 1947, e ainda em 1957, 1961 e 1979.

O Banquete, tradução e introdução de Álvaro Ribeiro, Lisboa: Guimarães Editores 1953. Reedições: 1962, 1963, 1985, 1997, 2002.

Temor e Tremor, tradução de Maria José Marinho, introdução de Alberto Ferreira, Lisboa: Guimarães Editores 1959. Reedições: 1990, 1998.

O conceito de angústia, tradução de João Lopes Alves, Lisboa: Presença 1962. Reedição em 1972.

Estética do Matrimónio, tradução de Margarida Schiappa, Lisboa: Presença 1965.

Diário de um Sedutor, tradução de Carlos Grifo, Lisboa: Presença 1971.

Desespero: a doença mortal, tradução de Ana Keil, Porto: Rés Editora 1986. Reedição em 2003.

Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor, tradução de João Gama, Lisboa: Edições 70 1986.

Kierkegaard: In Vino Veritas, tradução, notas e posfácio de José Miranda Justo, Lisboa: Antígona 2005.

Adquirir a Sua Alma na Paciência – dos Quatro Discursos Edificantes (1843), Lisboa: Assírio & Alvim 2007, tradução, notas e posfácio de Nuno Ferro e de Mário Jorge de Carvalho.

A Repetição, tradução, notas e introdução de José Miranda Justo, Lisboa: Relógio d'Água 2009.

Temor e Tremor, tradução, notas e introdução de Elisabete M. de Sousa, Lisboa: Relógio d'Água 2009.

II. Artigos

- Aguiar, M., «A guerra Anti-hegeliana», *Brotéria*, volume 30 1940, pp. 410-425.
- Antunes, Manuel, «Kierkegaard», in *Obras Completas*, volume 3, Tome 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2005, pp. 347-355 (primeira publicação in *Brotéria*, volume 46 1956; e também in *Do Espírito e do Tempo*, Lisboa: Edições Ática 1960, pp. 79-93).
- Araújo, Alberto Fonseca, «Kierkegaard, um meditativo da existência cristã», *Chave* n° 1 1964, p. 7.
- Barreto, Angelino, «Kierkegaard e a sua visão existencial do Homem», *CADERNOS de Filosofia*, volume 5 1956, pp. 24-30.
- Bessa-Luís, Agustina, *Estados eróticos imediatos de Søren Kierkegaard*, Lisboa: Guimarães Editores 1992.
- Calheiros, Armindo Azevedo de Sá, *As Fronteiras da Subjectividade – Uma perspectiva do pensamento de Søren Kierkegaard à Luz da Filosofia da Educação*, dissertação de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2007.
- Carvalho, António Pinto de, «A Filosofia Religiosa de Søren Aabbe Kierkegaard», *Brotéria*, volume 22 1936, pp. 361-369.
- Carvalho, Marcos Manuel Cardoso, *As Lições sobre a Dialéctica da Comunicação Ético-Religiosa de Søren Kierkegaard*, dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa 2008.
- Carvalho, Mário Jorge de, «Posfácio», in *Adquirir a Sua Alma na Paciência – dos Quatro Discursos Edificantes (1843)*, Lisboa: Assírio & Alvim 2007, pp. 247-308 (juntamente com Nuno Ferro).
- Costa, João Bénard da, «O Macaco e o Tritão», *Pública* 2 (suplemento do diário *Público*), 09.12.2007, pág.12.
- Duarte, Irina Alexandra Matias, *A Angústia como Possibilidade de Liberdade. Reflexões sobre O Conceito de Angústia de Kierkegaard*, dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa 2007.
- Espinha, Bruno José Neves, *Origem de uma Ideia na Obra de Søren Kierkegaard?*, dissertação de mestrado, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa 1998.
- Ferro, Nuno da Rosa, «Kierkegaard e o Tédio», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Abril-Dezembro 2008, Volume 64, Fasc.2-4, Braga, pp. 943-970.

- «Posfácio», in *Adquirir a Sua Alma na Paciência – dos Quatro Discursos Edificantes (1843)*, Lisboa: Assírio & Alvim 2007, pp. 247-308 (juntamente com Mário Jorge de Carvalho).
- «A Noção de Experiência na Obra de Kierkegaard», in *Quid Revista de filosofia (1: Sobre a Experiência)*, Lisboa: Livros Cotovia 2000, pp. 251-317.
- Figueiredo, Lúcia, «O Abismo da Liberdade: Arendt vs. Kierkegaard e Sartre», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Abril-Dezembro, 2008, volume 64, Fasc.2-4, pp. 1127-1140.
- Fragata, Júlio Moreira, «Kierkegaard», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, volume 11, Lisboa: Editorial Verbo 1971, pp. 1124-1128 e *Logos*, volume 3, Lisboa: Editorial Verbo 1991, pp. 162-167.
- «Filosofia da Existência» (1960), *Problemas da Filosofia Contemporânea*, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP 1989, pp. 99-112.
- «O Existencialismo Teológico de Kierkegaard», *Filosofia*, volume 8 1956, pp. 250-255.
- Gomes, F. Soares, «Revoluções do pensamento: Redescoberta da Categoria Afetiva do Outro», *Revista Portuguesa de Filosofia*, volume 31 1975, pp. 3-27.
- Gonçalves, Daniela Alexandra Ramos, *Ironia e Humor. A perspectiva existencial de Kierkegaard*, dissertação de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2002.
- Gouveia, Maria Carmelita Homem de, *Meditação sobre Temor e Tremor de Kierkegaard*, Separata das publicações do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra: [s.n.] 1957.
- Guerra, Maria Luísa, «Kierkegaard ou a Paixão do Indivíduo», *Palestra*, volume 18, 1963, pp. 45-60.
- Hiller, Adalberto, *A escolha como condição da possibilidade de vida – ética segundo Søren Kierkegaard: uma abordagem a partir da obra Alternativa*, dissertação de mestrado em Bioética, Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa 2005.
- Jardim, E. Luís, «Kierkegaard e o Catolicismo», *Cadernos de Filosofia*, volume 6 1957, pp. 24-30.
- Júnior, Eurico da Rua, «Desespero e Consciência em Kierkegaard», *Cadernos de Filosofia*, volume 14, 1965, pp. 5-20.
- Justo, José Miranda, «Da diferenciação dos tempos à “seriedade da existência”. Sobre alguns vectores da ideia kierkegaardiana de repetição», introdução de *A Repetição*, Lisboa: Relógio d’Água 2009, pp. 9-22.
- «Polinómio-Kierkegaard. Apresentação de um segmento de “experimentação em pensamento”», posfácio a *In vino veritas*, Lisboa Edições Antígona 2005, pp. 175-206.
- «Espessuras do pensar. Ernesto de Sousa e o círculo de Kierkegaard», in *Ernesto de Sousa, Revolution My Body*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 1998, pp. 25-37.
- Leitão, Maria Noémia Neto Miranda de Melo, *O Sentimento da Angústia em Søren Kierkegaard*, dissertação de licenciatura em Ciências Histórico-

- Filosóficas, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1964.
- Lima, Salviano Paixão Zagalo de, *O Movimento Kierkegaardiano de Interiorização do Instante*, dissertação de licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa 1962.
- Lopes, António Costa, «Kierkegaard e o Catolicismo», *Theologica* 1957, pp. 221-224.
- Lourenço, Eduardo, «Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indirecta» (1954-56), *Fernando Rei da Nossa Baviera*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 1986, pp. 121-144.
- «Kierkegaard e Pessoa ou as Máscaras do Absoluto» (1981), *Fernando Rei da Nossa Baviera*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 1986, pp. 97-109.
- «Søren Kierkegaard, O Espião de Deus» (1967), *Heterodoxia*, volume 2, Lisboa: Gradiva 2006, pp. 121-199.
- Malpique, Manuel Cruz, «Kierkegaard: o Misógino e o Obsessivo do Pecado (1813-1855)», *Labor*, volume 29 números 236-237, pp. 229-241 e 277-297.
- Marinho, José, «Reflexão e Espontaneidade», *Obras Completas de José Marinho*, volume 2, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 1995, pp. 210-212.
- Martins, Diamantino, «O Problema da Demonstração de Deus em Kierkegaard» *Revista Portuguesa de Filosofia*, volume 24 1976, pp. 429-439.
- Mendes, Sandra Rosalina da Conceição Graça, *Sufrimento, Culpa, Arrependimento: Pathos Existencial e Transformação da Existência*, dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa 2009.
- Mourujão, Alexandre Fradique, «Em Torno do Existencialismo» (1954), in *Estudos Filosóficos*, volume 2, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 2004, pp. 465-486.
- Murteira, José Maria, «Kierkegaard: Angústia e Fé», *Brotéria*, volume 126 1988, pp. 340-345.
- Niner, Elaine Cecília, «Søren Kierkegaard e a problemática humana», *Convivium S. P.*, nº 8 1969, pp. 14-32.
- Pinto, José Rui Gaia da Costa, «A Verdade em Kierkegaard», *Revista Portuguesa de Filosofia*, volume 33 1977, pp. 84-88.
- Quadros, António, «Existencialismo» in *Logos II*, Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia, Lisboa e São Paulo 1990, pp. 400-403.
- «Filosofia e Sentimento – Gnoseologia do Amor», *Tempo Presente*, nº 8, 1959, pp. 28-40 [sobre Kierkegaard, pp. 35-37].
- Ribeiro, Álvaro, «Balanço e Equilíbrio do Ano Filosófico» (1954), *Dispersos e Inéditos II*, ed. de Joaquim Domingues, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 2004, pp. 89-93.
- «Filosofia Portuguesa Actual» (1962), *Dispersos e Inéditos III*, edição de Joaquim Domingues, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda 2005, pp. 51-58.

- Sabino, Cristiana da Graça Rodrigues, *Existência e Fé em Søren Kierkegaard*, dissertação de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2004.
- Santos, Delfim, «Filosofia como Ontologia Fundamental», in *Obras Completas de Delfim Santos*, Lisboa: Fundação Gulbenkian 1971-1977, volume 2, pp. 213-216.
- «Jaspers na Filosofia Contemporânea» (conferência de 1958), op. cit., pp. 268-279 (primeira publicação *O Tempo e o Modo*, nos. 43-44, 1966).
- «Prefácio à tradução de um livro de Régis Jolivet», op. cit., pp. 168-172 (primeira publicação como prefácio à tradução da obra de Régis Jolivet, *As Doutrinas Existencialistas*, Porto: Tavares Martins 1953).
- «Humanismo em Pascal», op. cit., pp. 189-202 (primeira publicação *Revista Brasileira de Filosofia*, volume 3, nº 2, 1953, pp. 199-212).
- «Sentido Existencial da Angústia», op. cit., pp. 154-164 (primeira publicação in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, vol 4, 1952).
- «Temática Existencial», op. cit., pp. 79-85 (primeira publicação *Atlântico*, volume 2, 1950).
- «O valor da Ironia», in *Obras Completas de Delfim Santos*, Lisboa: Fundação Gulbenkian 1971-1977, volume 1, pp. 349-353 (primeira publicação *Variante*, nº4 1943, pp. 74-76).
- «Dialéctica Totalista», op. cit., pp. 31-38 (primeira publicação *Presença*, nº 39 1933, pp. 8-9 e 12).
- Saraiva, Maria Manuela Simões, «Kierkegaard e o Problema Filosófico do Homem», in *Filosofia*, volume 8 1956, pp. 256-266.
- Silva, Bárbara Henriques Marques Pereira da, *A Teia da Possibilidade, aproximação ao conto “Uma Possibilidade” dos Estádios no Caminho da Vida de Kierkegaard*, dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa 2009.
- Silva, José Manuel Bártolo da, *O Labirinto interior: o pensamento de Søren Kierkegaard a partir das suas reacções ao sistema (1843-1846)*, dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa 1999.
- Silva, Luís de Oliveira e, «Estética e Ética em Kierkegaard e Pessoa», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 1988, pp. 261-272.
- Sousa, Elisabete M. de, «O salto para a eternidade», introdução a *Temor e Tremor*, Lisboa: Relógio d'Água 2009, pp. 9-38.
- «Wolfgang Amadeus Mozart: the love for music and the music of love», in *Kierkegaard's International Reception, Volume 5, Tome III: Kierkegaard and the Renaissance and Modern Traditions. Literature, Drama and Music*, Aldershot: Ashgate 2009, pp. 137-167.
- «Eugène Scribe: the unfortunate authorship of a successful author», in *Kierkegaard's International Reception, Volume 5, Tome III: Kierkegaard and the Renaissance and Modern Traditions – Literature, Drama and Music*, Aldershot: Ashgate 2009, pp. 169-183.

- «Kierkegaard in Portugal: discontinuity and repetition», in *Kierkegaard's International Reception, Volume 8, Tome II. Southern, Central and Eastern Europe*, Aldershot: Ashgate 2009, pp. 1-15.
- «Kierkegaard's Musical Recollections», in *Kierkegaard Studies. Yearbook 2008*, Berlin: Walter De Gruyter 2008, pp. 85-108.
- *Formas de Arte: a Prática Crítica de Berlioz, Kierkegaard, Liszt e Schumann*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa 2008.
- Vila-Chã, João José, “Søren Kierkegaard em Nós: O Génio da Existência Pensada”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Abril-Dezembro 2008 Volume 64 Fasc.2-4, pp. 711-740.
- Zeferino, Maria de Lourdes, “Dialéctica do Espírito e da Matéria em Alguns Filósofos Contemporâneos”, *Brotéria* nº 100, 1975, pp. 154-164.